

## TRANSEMIOSE: O SIGNO COMO RIZOMA

*Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira* (UFT)

[luizpeel@uft.edu.br](mailto:luizpeel@uft.edu.br)

*Rosélia Sousa Silva* (UFT)

[roseliasousasilva09@uft.edu.br](mailto:roseliasousasilva09@uft.edu.br)

### RESUMO

Neste texto, tratamos do conceito de signo como rizoma, ou seja, os signos se constituindo a partir de linhas ou agenciamentos, como zonas de fluência entre o corpo e o afeto. Tendo Deleuze e Guattari como principal fonte teórica, apontamos para a necessidade de mudança de referencial, ou seja, é preciso trocar o esquema triádico que coloca em igualdade a tripartição constituinte do signo (significado ou interpretante, objeto ou referente e significante ou *representamen*), por uma compreensão que perceba o signo, em seus aspectos significantes, como fluxo ou fluência entre dois momentos, o dos agenciamentos e o das linhas de fuga. Trata-se de pesquisa bibliográfica desenvolvida no Programa de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins.

### Palavras-chave:

Filosofia da Linguagem; Semiótica do Acontecimento; Linguística; Rizomas.

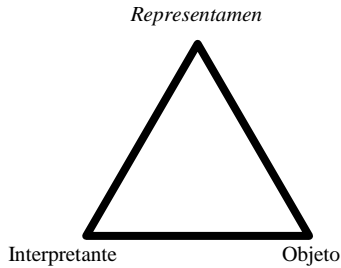
### 1. Introdução

O objetivo primeiro deste texto é discutir o conceito de signo enquanto rizoma, ou mais propriamente, o da transemiose enquanto procedimento criativo que se utiliza do signo como zona de fluência entre o corpo e o eu, ou entre os agenciamentos e os afetos, sendo que a discussão se dará a partir de Charles Sanders Peirce e Gilles Deleuze.

Iniciemos nossa abordagem pela questão do signo linguístico, o escopo deste texto. Para Peirce, o signo segue um esquema triádico: *representamen* (signo em si mesmo), interpretante (signo com seu interpretante) e objeto (signo com seu objeto), descritos assim pelo filósofo:

Um signo intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto, implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determina naquela mente algo que é imediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediata é o objeto pode ser chamada interpretante. (CP, 6.347 *apud* SAN-TAELLA, 1992, p. 189)

Esse esquema tem sido representado por um triângulo, cujos vértices (pontos) são os componentes do signo, *representamen*, interpretante e objeto, como destacamos a seguir:



Em nossa pesquisa, a partir de Deleuze, consideramos o signo como conjunto de linhas, como rizoma, o que altera sensivelmente o desenho de sua representação.

Agenciamentos



Linhas de fuga

Nesse desenho<sup>163</sup>, as linhas que se encontram para iniciar o rizoma, ou o signo, são os agenciamentos, os corpos e/ou desejos envolvidos primeiramente na construção do signo; já as linhas que se fecham e se abrem no final do rizoma são os afetos que surgem da semiose; sendo o signo, ou o conjunto de signos, o bulbo que se forma tendo como limites esses dois pontos.

---

<sup>163</sup> Os desenhos contidos neste texto são de autoria do Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

Um exemplo nos ajudará a ilustrar o fenômeno – tomemos a seguinte frase: “Mamã, mamá!” (emitida por um infante com sede e com fome). Os fenômenos que agenciaram o rizoma são o bebê, a mãe, o peito, a boca, o leite, a sede, a fome e o desejo disso tudo e de carinho; já os signos, “Mamã” e “mamá”, são as zonas de fluência entre os corpos e os afetos deles decorrentes; que, por sua vez, são o saciar da fome, da sede e do carinho – os afetos decorrentes do gozo produzido e os devires futuros, que são verdadeiras linhas de fuga.

Os signos “Mamã” e “mamá” funcionam como vocativo e predicado: o primeiro indica ostensivamente a mãe; o segundo, o acontecimento desejado, já que acrescenta ao nome “mamá” a atualidade do corpo que deseja e que precisa do devir alimentação. Trata-se, ainda, de uma frase monorremática, pois só existe um elemento sintático, o que acrescenta ao predicado um valor situacional.

Dessa forma, a representação se altera: se, em Peirce, os elementos constituintes dos signos eram representados por pontos; agora, a partir de Deleuze, são vislumbrados como cores, como verdadeiras zonas de fluência entre os corpos e os afetos. E de uma representação euclidiana chegamos a uma representação não euclidiana, já que essa forma de representar reflete mais a sensação e os fluxos. Podemos dizer que há ainda uma representação geométrica, posto cartográfica, mas não mais euclidiana (a matemática de Euclides é abstrata, a realidade não).

Para Deleuze e Guattari, interpretar signos é o que institui a aprendizagem; donde diremos que interpretar zonas de fluência é o que constitui verdadeiramente a aprendizagem, o que exige atenção, percepção, valoração e interpretação do fenômeno semiótico, apreensões sempre relacionadas a quem interpreta; um trecho de Neuscharank e Oliveira nos ajudará a compreender o conceito:

Quando Deleuze desloca a emissão dos signos, do ensinar, e aposta nos encontros, no aprender, não só movimenta nosso olhar do modelo educacional linear ensino/aprendizagem como também atenta para a relação dos signos com quem os interpreta. (2017, p. 592)

Para os pensadores franceses, “os três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles que nos amarram mais diretamente” podem ser descritos como “o organismo, a significância e a subjetividade” (1996, vol. 3, p. 22), o que foi percebido por Nascimento, em sua tese de doutorado: “é por ele [o signo] que corpo e afecto participam de uma zona de fluência”

(2012, p. 152). Para Deleuze e Guattari, o corpo, a linguagem e o eu se fazem signo por meio de encontros intensivos – os agenciamentos, resultando em afetos e em linhas de fuga (1996, vol. 3)

Dessa forma, o organismo (ou o corpo) mais a significância (ou a fluência) mais a subjetividade (ou o afeto) resultam num processo que podemos chamar de transemiose ou transsignificação, uma vez que não se trata de semiose estanque, com elementos igualmente rígidos e destacados facilmente de seu conjunto, mas de um processo múltiplo cujos elementos atravessam planos e fluxos.

## **2. A transemiose**

Os signos, enquanto rizomas, devem ser entendidos como platôs ou estratos, sendo propriamente articulações de diferentes fenômenos (no nosso exemplo, são articulações da fome, da sede, do peito, da boca, do carinho, do prazer e do gozo, para só citar alguns dos fenômenos envolvidos e agenciados nessa transemiose). Segundo esse ponto de vista, cada platô é um conjunto de acumulações, dobramentos e desdobramentos.

As cores e os signos são estratos conectados, não isolados uns dos outros, pois se misturam: o vermelho e o amarelo, no alaranjado, por exemplo. Outro excerto de Nascimento ajuda a revelar como isso acontece:

A respeito dos estratos é preciso considerar duas coisas. A primeira é que, embora não haja um estrato que recubra ou acolha todos os outros estratos, eles não formam, tampouco sub-planos isolados uns dos outros. Ao contrário, eles interagem entre si, influenciam-se, compõem-se em ordens diversas, enfim, afetam e são afetados, ensejando fenômenos de “transcodificações e passagens de meios, misturas”. Ligado a esse primeiro, um segundo ponto a se considerar é que, assim como os estratos físico-químicos não esgotam a totalidade da matéria, dado que eles incidem sobre uma matéria não formada ou molecular que os ultrapassa, também os estratos orgânicos não esgotam a Vida e tampouco os estratos antropomórficos empreendem a multiplicidade de devires não-humanos, uma vez que há uma intensa vitalidade que é tanto anorgânica como impessoal. Em outras palavras, se a estratificação é como a criação de mundos a partir do caos, este, por sua vez, não cessa de se repetir seletivamente neles, de ultrapassá-los, imprimindo nessa passagem novas velocidades a seus elementos. (2012, p. 154)

Dessa forma, toda enunciação é única, com velocidades e planos singulares, o que acentua a multiplicidade e a efemeridade do processo semiótico: múltiplas e infinitas experimentações resultantes de fluxos e cortes

nos fluxos igualmente infinitos, oriundos do caos.

### 3. *Agenciamentos e multiplicidades*

Deleuze e Guattari denominam o agenciamento como “um conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo – selecionados, organizados e estratificados – de maneira a convergir artificialmente e naturalmente” (1996, vol. 5, p. 88). Para eles, a primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialização envolvida no processo criativo (1996, vol. 5, p. 218).

A experiência da criação sgnica é, para esses filósofos, uma experimentação de territorialização, desterritorialização e reterritorialização; na qual os agenciamentos iniciais constroem um território sgnico que, por meio de linhas de fuga, irá desterritorializar-se, para posterior reterritorialização.

Donde o tempo se torna importante, enquanto constructo da memória, mas não o *chrónos*, e sim o *aion*:

Segundo Aion, apenas o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem, uns em relação aos outros, o futuro e o passado. (DELEUZE, 2003, p. 169)

Deleuze e Guattari concebem a memória como um dispositivo que opera nestes fluxos temporais dissimétricos e coexistentes, possuindo um caráter múltiplo, caótico e prolixo. A memória opera territorializações, desterritorializações e reterritorializações, sendo sempre construtiva e construtora, ou seja, criativa. E todo território é sempre uma questão de signo, com movimentos de entrada e da saída, nos quais o caos, como seu fora, participa sempre como plano de consistência.

E como rizomas, os signos, ou transignos, são compostos por linhas, fluxos e cortes – os corpos e desejos que criam agenciamentos, produzindo linhas de fuga, sendo seus sentidos oriundos de uma transemiose, como no esquema encontrado abaixo:

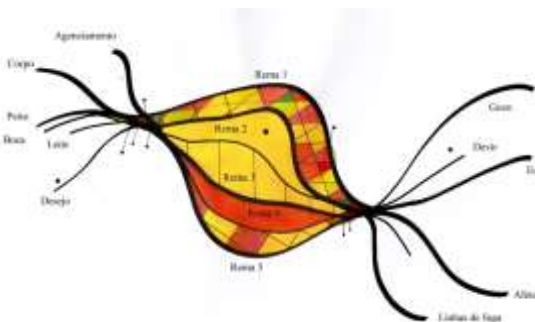
Agenciamentos  
Corpos  
Desejos



Signos (ou remas)

Linhas de fuga  
Afetos  
Devires

#### 4. Considerações finais



Os signos são fluxos e experimentações que produzem afetos – verdadeiras passagens ou variações de potência; sempre a partir de um corpo, definido igualmente como afeto, e não a partir de sua forma ou função. Destarte, devemos considerar sempre, num processo de ensino e de aprendizagem linguísticos, o fluxo de línguas e de gramáticas menores (menores por serem de minorias, e não por serem qualitativamente inferiores). E, a

partir desses usos menores, revelar outros usos, inclusive o normativo. Dessa forma, estaremos vivenciando e respeitando as multiplicidades linguísticas de todos os sistemas e conjuntos responsáveis pelas variações, variantes e variedades.

Colocamos, em nosso último desenho, remas no lugar de signos, uma vez que a palavra rema, etimologicamente, significa o que corre – a correnteza, o que flui – a fluência, donde signos serem genuinamente a zona de fluência entre os agenciamentos e os afetos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Volume 3 e volume 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

NASCIMENTO, R. D. S. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze*. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

NEUSCHARANK, A.; OLIVEIRA, M. O. *Encontros com signos: possibilidades para pensar a aprendizagem no contexto da educação*. Educação, Santa Maria, v. 42, n. 3, p. 585-96, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/viewFile/22579/pdf>. Acesso em 23 jul. 2018.

SANTAELLA, L. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.